

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

GESTÃO DE FARMÁCIA HOSPITALAR

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

GESTÃO DE FARMÁCIA HOSPITALAR

DISCIPLINA: PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE
RESUMO
Iniciamos a disciplina abordando conceitos e história da saúde no Brasil, considerando a linha histórica desde a formação dos sistemas de saúde até os dias atuais, as legislações e os programas de qualificação dos serviços.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CONCEITOS E HISTÓRIA EM PLANEJAMENTO DE SAÚDE O PLANEJAMENTO EM SAÚDE - SUS O PLANEJAMENTO EM SAÚDE - ANVISA E ANS PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO MISSÃO, VISÃO E VALORES ORGANIZACIONAIS
AULA 2 NÍVEIS DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO ANÁLISE SWOT BALANCED SCORE CARD (BSC) PERSPECTIVAS DO BSC O SISTEMA GERENCIAL EM SAÚDE
AULA 3 CONCEITOS E OBJETIVOS A EPIDEMIOLOGIA NA PRÁTICA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE NÍVEIS DE ATENÇÃO À SAÚDE A EPIDEMIOLOGIA E A ASSISTÊNCIA INTEGRAL À SAÚDE PROPÓSITOS DA EPIDEMIOLOGIA
AULA 4 GESTÃO ESTRATÉGICA PARA O PLANEJAMENTO EM ORGANIZAÇÕES DE SAÚDE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO ALINHANDO O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO COM OS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO LIDERANÇA E EMPREENDEDORISMO
AULA 5 GESTÃO PÚBLICA E PRIVADA EM SAÚDE CONTRATAÇÃO E CONTRATUALIZAÇÃO DE SERVIÇOS EM SAÚDE O PÚBLICO E O PRIVADO NA SAÚDE MIX PÚBLICO E PRIVADO NO SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO A ASSISTÊNCIA INTERDISCIPLINAR COMO ESTRATÉGIA DE SAÚDE
AULA 6 PLANEJAMENTO EM SAÚDE POR CARLOS MATUS

PASSOS PARA O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES EM SAÚDE – DEFINIÇÃO DE TERRITÓRIO E SITUAÇÃO
MONITORAÇÃO E AVALIAÇÃO EM SAÚDE: PROCESSO
MONITORAÇÃO E AVALIAÇÃO EM SAÚDE: RESULTADO

BIBLIOGRAFIAS

- TAJRA, S. F. Gestão estratégica na saúde: reflexões e práticas para uma administração voltada para a excelência. 4. ed. São Paulo: Érica, 2010.
- VECINA NETO, G.; MALIK, A. M. Gestão em saúde. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- BOHMER, R. M. J. Arquitetura na gestão de saúde. 1. ed. São Paulo: Bookman, 2012.

DISCIPLINA:
BALANCED SCORECARD

RESUMO

E porque é necessário aprender sobre estratégias e o BSC? Hoje, cada vez mais, o mercado procura profissionais completos e capacitados que possam trazer consigo resultados consistentes. E uma forma de trazer esses resultados é focando na administração e gestão financeira, pois ela pode demonstrar, por meio de indicadores, o desempenho real de qualquer organização. Nosso objetivo com essa disciplina é que você possa compreender e aplicar todos os conceitos do BSC, em sua totalidade, na organização que você faz ou fará parte em breve.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO À ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL
STAKEHOLDERS: QUAL A SUA IMPORTÂNCIA
ABORDAGEM CLÁSSICA, EVOLUCIONISTA, SISTÊMICA E PROCESSUAL E SISTÊMICA
ESTRATÉGIA DELIBERADA E EMERGENTE
APRESENTAÇÃO DO BSC

AULA 2

CONCEITOS DE MARKETING
O BSC E A PERSPECTIVA DO CLIENTE
SEGMENTAÇÃO DE MERCADO
MEDIDAS ESSENCIAIS
MEDINDO VALOR PARA O CLIENTE

AULA 3

CONTEXTO GERAL DA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO DO BSC
ALINHAMENTO DAS DIRETRIZES ESTRATÉGICAS COM A PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO
A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO E SEUS CAPITAIS INTANGÍVEIS
ALINHAMENTO ENTRE A GESTÃO ESTRATÉGICA DE PESSOAS E A PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO

TIPOS DE INDICADORES DA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO

AULA 4

CONTEXTO GERAL DA PERSPECTIVA FINANCEIRA DO BSC
ALINHAMENTO DA MISSÃO E VISÃO COM A PERSPECTIVA FINANCERIA
ALINHAMENTO ENTRE OBJETIVOS, ESTRATÉGIAS E INDICADORES FINANCEIROS
TIPOS DE INDICADORES FINANCEIROS (INTERNOS E EXTERNOS)
MÉTODO DE ANÁLISE COMPARATIVA E MÉTODO DE ANÁLISE TEMPORAL

AULA 5

VISÃO GERAL DOS PROCESSOS INTERNOS DA ORGANIZAÇÃO
OS PRINCIPAIS PROCESSO DE NEGÓCIOS NA PERSPECTIVA DO BSC
PROCESSO DE INOVAÇÃO
PROCESSO DE OPERAÇÕES
PROCESSO DE SERVIÇO PÓS-VENDA

AULA 6

MODELO BSC: KAPLAN E NORTON
TRADUÇÃO DA VISÃO
COMUNICAÇÃO E CONEXÃO
PLANEJAMENTO DE NEGÓCIOS
FEEDBACK E APRENDIZADO

BIBLIOGRAFIAS

- BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. Administração estratégica e vantagem competitiva. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2015.
- CHIAVENATO, I. Os novos paradigmas: como as mudanças estão mexendo com as empresas. 5. ed. São Paulo: Manole, 2008.
- MARTINS, T. S.; GUINDANI, A. R.; REIS, J. A.; CRUZ, J. A. W. Incrementando a estratégia: uma abordagem do balanced scorecard. 1. ed. Curitiba: InterSaber, 2010.

DISCIPLINA:

ESTRUTURAÇÃO, ELABORAÇÃO DE PROJETOS E A FARMÁCIA SATÉLITE

RESUMO

O objetivo principal do estudo da farmácia satélite é expandir a gestão farmacêutica, o abastecimento de materiais médico-hospitalares e medicamentos de qualidade em locais estratégicos dentro da instituição hospitalar. É muito importante que qualquer ambiente destinado à dispensação de medicamentos, em âmbito hospitalar, seja assistido pelo profissional farmacêutico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

FARMÁCIA HOSPITALAR
FARMÁCIAS SATÉLITES
ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA
FARMÁCIA CLÍNICA

AULA 2

ESTRUTURA BÁSICA FARMÁCIA HOSPITALAR
INFRAESTRUTURA
LEGISLAÇÃO

ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS FARMACÊUTICAS

AULA 3

LOGÍSTICA FARMACÊUTICA HOSPITALAR
CENTRAL DE ABASTECIMENTO FARMACÊUTICO (CAF)
PADRONIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS
SISTEMAS DE DISTRIBUIÇÃO DE MEDICAMENTOS (SDM)

AULA 4

FARMÁCIA-SATÉLITE CC
FARMÁCIA UTI
FARMÁCIA DE EMERGÊNCIA
IMPORTÂNCIA DAS FARMÁCIAS SATÉLITES (DESCENTRALIZADAS)

AULA 5

RASTREABILIDADE
AUTOMAÇÃO
LEGISLAÇÃO FARMACOVIGILÂNCIA
ERROS DE MEDICAÇÃO

AULA 6

EMTN
COMISSÃO DE INFECÇÃO HOSPITALAR
COMISSÃO DE FARMÁCIA E TERAPÊUTICA
ENSINO, EDUCAÇÃO E PESQUISA

BIBLIOGRAFIAS

- AMARAL, A. F. Impacto da educação permanente dos profissionais de saúde no rastreamento do câncer do colo do útero em unidades básicas de saúde. Dissertação de Mestrado, 64 f. Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE FARMÁCIA HOSPITALAR (SBRAFH). Padrões mínimos para farmácia hospitalar. 3. ed. São Paulo, 2017.
- SOUSA, M. H. S. Farmácia hospitalar. Universidade José do Rosário Vellano – Unifenas. Divinópolis, 2012.

DISCIPLINA:

AUDITORIA EM FARMÁCIA

RESUMO

Para realizarmos o estudo da auditoria em farmácia é necessário contextualizar como a atividade de auditoria surgiu no mundo e quais suas funções e seus benefícios. Verificaremos quais os tipos de auditoria e conceitos elementares para fundamentar os conhecimentos necessários a fim de que essa atividade seja adequadamente empregada na atividade de atenção farmacêutica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

ASPECTOS HISTÓRICOS DA AUDITORIA NA SAÚDE
ASPECTOS HISTÓRICOS DA AUDITORIA NA SAÚDE NO BRASIL

CONCEITOS BÁSICOS DE AUDITORIA
MODELOS DE AUDITORIA

AULA 2

ASPECTOS LEGAIS NA AUDITORIA EM FARMÁCIA
CÓDIGO DE ÉTICA DA PROFISSÃO FARMACÊUTICA
RESOLUÇÃO SOBRE O PAPEL DE FARMACÊUTICO AUDITOR
MODELOS DE AUDITORIA

AULA 3

INSTRUMENTOS SUBJETIVOS DA AUDITORIA
INSTRUMENTOS OBJETIVOS DA AUDITORIA
INSTRUMENTOS E SEUS OBJETIVOS
RESULTADOS DA AUDITORIA

AULA 4

ATUAÇÃO DAS AUDITORIAS
ASPECTOS NORMATIVOS EM RELAÇÃO À FARMÁCIA HOSPITALAR
TIPOS DE AUDITORIA PROSPECTIVA
PARECERES E SUPORTE TÉCNICO

AULA 5

TIPOS DE GLOSA
RECURSO DE GLOSA
COMO AUDITAR
RESULTADOS E VANTAGENS

AULA 6

NOVAS TECNOLOGIAS
GESTÃO DE DADOS E INFORMAÇÕES
GESTÃO DE QUALIDADE
MELHORIA CONTÍNUA

BIBLIOGRAFIAS

- PEREIRA, A. T. da S. et al. O uso do prontuário familiar como indicador de qualidade da atenção nas unidades básicas de saúde. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 Sup 1, p. S123-S133, 2008.
- SOUZA, D. A.; FONSECA, A. S. Auditoria em enfermagem: visão das enfermeiras do município de São Paulo. Nursing, São Paulo, v. 8, n. 84, p. 234-238, maio 2005.
- SÁ, A. L. de. Curso de Auditoria, 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

DISCIPLINA:

EMPREENDEDORISMO E CAPACIDADE INOVADORA NO SETOR PÚBLICO

RESUMO

O Estado vem passando por transformações profundas em diversas áreas. Muitas dessas situações são provenientes das mudanças que têm ocorrido em todos os segmentos da sociedade. Assim, a ciência, a tecnologia e a sustentabilidade, por exemplo, alteram tanto a forma de o ser humano enxergar o mundo como, conseqüentemente, o seu padrão comportamental. Dessa forma, o Estado precisa se adequar a essas novas maneiras de enxergar o mundo e de se adaptar às novas demandas. O que se busca, hoje, é um

processo muito mais profundo do que apenas uma mudança de paradigmas; a necessidade atual é de transformação, alteração dos paradigmas existentes, oportunizando à organização que avance no desempenho dos papéis que, de fato, lhe competem.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

EMPREENDEDORISMO
EMPREENDEDORISMO NO BRASIL
EMPREENDEDORISMO PÚBLICO E PRIVADO
EMPREENDEDORISMO PÚBLICO
EMPREENDEDORISMO SOCIAL

AULA 2

EMPREENDEDORISMO E ESP
MODELO DE ESP NO BRASIL
EXEMPLOS DE ESP
ESP EM OUTROS PAÍSES

AULA 3

PROCESSO MIGRATÓRIO
CIDADES/REGIÕES
CIDADES INTELIGENTES
CIDADES INTELIGENTES X TICS
GOVERNOS INTELIGENTES

AULA 4

PARCERIAS
GOVERNO ELETRÔNICO
PARCERIAS INTERNAS + REDES COLABORATIVAS
DIFICULDADES DO GOVERNO ELETRÔNICO
DESAFIOS ATUAIS PARA O GOVERNO ELETRÔNICO

AULA 5

INFORMAÇÃO
BÚSSOLA DE TIMMONS
DESAFIOS DO ACESSO À INFORMAÇÃO
AÇÃO EMPREENDEDORA – FLUXO DE KINGDON
EMPREENDEDORISMO CORPORATIVO NO SETOR PÚBLICO

AULA 6

DIFICULDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA INOVAÇÃO E DO EMPREENDEDORISMO
ONDE POSSO INOVAR? (INTERNA)
ONDE POSSO INOVAR? (EXTERNA)
CANVAS ETAPA 1
CANVAS ETAPA 2

BIBLIOGRAFIAS

- MELO, J. T. de A. Direito constitucional do Brasil. São Paulo: Del Rey, 2008.

- SILVA, I. G. A reforma do Estado: a reforma do Estado brasileiro nos anos 90. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v7_ilse_gomes.pdf.
- ZAMPETAKIS, L.; MOUSTAKIS, V. S. Uma pesquisa exploratória sobre os fatores que estimulam o empreendedorismo corporativo no setor público grego. International Journal of Manpower, v. 31, n. 8, 2010.

DISCIPLINA:
VIGILÂNCIA SANITÁRIA APLICADA AO MEDICAMENTO

RESUMO

As ciências da saúde tiveram seu início em civilizações primitivas, pois até os primeiros hominídeos buscavam a cura ou o alívio para seus males. Para que possamos entender essa evolução e o início do controle sobre os medicamentos, faremos uma volta ao passado, iniciando no Período Paleolítico, no qual muitas das explicações eram atribuídas aos maus espíritos até a chegada dos medicamentos ao consumidor. Ainda, veremos como todo este processo influenciou no rígido controle de qualidade que temos atualmente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

EVOLUÇÃO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL
HISTÓRIA DOS MEDICAMENTOS
COMO OS MEDICAMENTOS CHEGAM AO MERCADO?
POR QUE CONTROLAR A QUALIDADE DOS MEDICAMENTOS?

AULA 2

ORIGEM DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)
HISTÓRIA DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA NO BRASIL
LEI N. 9.782/1999 E AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA)
CONCEITOS IMPORTANTES PARA A VIGILÂNCIA SANITÁRIA DE MEDICAMENTOS

AULA 3

CONTROLE SANITÁRIO DE EMPRESAS E ESTABELECIMENTOS
REQUISITOS PARA O LICENCIAMENTO DE EMPRESAS E/OU ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS
CERTIFICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS
REGISTRO DE MEDICAMENTOS

AULA 4

RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA – RDC N. 301, DE 21 DE AGOSTO DE 2019
(PARTE 1)
RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA – RDC N. 301, DE 21 DE AGOSTO DE 2019
(PARTE 2)
RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA – RDC N. 301, DE 21 DE AGOSTO DE 2019
(PARTE 3)
A IMPORTÂNCIA DA DOCUMENTAÇÃO NO PROCESSO PRODUTIVO

AULA 5

INSPEÇÃO PARA CERTIFICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO DE
MEDICAMENTOS

RELATÓRIO DE INSPEÇÃO PARA CERTIFICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO DE MEDICAMENTOS
CONCEITOS IMPORTANTES NAS BOAS PRÁTICAS DE ARMAZENAGEM E DISTRIBUIÇÃO DE MEDICAMENTOS
AS BOAS PRÁTICAS DE DISTRIBUIÇÃO E ARMAZENAGEM E O TRANSPORTE DE MEDICAMENTOS

AULA 6

BOAS PRÁTICAS DE MANIPULAÇÃO EM FARMÁCIA (RDC N. 67/07) (PARTE 1)
BOAS PRÁTICAS DE MANIPULAÇÃO EM FARMÁCIA (RDC N. 67/07) (PARTE 2)
BOAS PRÁTICAS FARMACÊUTICAS EM FARMÁCIAS E DROGARIAS (RDC N. 44/09)
REVISÃO DA RDC N. 44/2009 – CONSULTA PÚBLICA 911/2020

BIBLIOGRAFIAS

- ALVAREZ, J. El mitridato, la misteriosa panacea inventada por Mitridates para evitar morir envenenado. 13 jun. 2016. LBV – Magazine Cultural Independiente. Disponível em: <https://www.labrujulaverde.com/2016/06/el-mitridato-lamisteriosa-panacea-inventada-por-mitridates-para-evitar-morir-envenenado>.
- BAYER®. Sobre Aspirina. 2020. Aspirina Ácido Acetilsalicílico. Disponível em: <https://www.aspirina.com.br/pt/sobre-aspirina/historia/>.
- BARBOZA, M. F. S. Manual Básico para realização de Ensaio Clínicos conduzidos por um “Investigador-Patrocinador”: Abordagem dos Procedimentos por Gestão de Processos. Dissertação (Mestrado em Gestão, Pesquisa e Desenvolvimento na Indústria Farmacêutica) – Instituto de Tecnologia em Fármacos – Farmanguinhos, 2015..

DISCIPLINA:

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE

RESUMO

Para falar de políticas públicas de saúde, é de fundamental importância que estudemos a origem do cuidado, as motivações para que ele aconteça e como a responsabilidade do cuidado se estabeleceu de forma oficial, tornando-se uma tarefa do estado, até que se expressasse na forma como conhecemos e denominamos hoje de políticas públicas de saúde. Vivemos, atualmente, uma onda de questionamentos a esse respeito em razão das recentes ondas migratórias, sobretudo de pessoas empobrecidas pelas guerras ou catástrofes, que buscam desesperadamente por outros locais onde possam viver com um pouco mais de segurança. As sociedades mais desenvolvidas no contexto social se manifestam de diversas maneiras, ora acolhendo, ora rejeitando os refugiados. No meio desta ambivalência de sentimentos, repete-se a pergunta que vem sendo feita desde os primórdios da organização da sociedade: De quem é a tarefa de cuidar? Esta disciplina nos levará a uma melhor compreensão das prioridades estabelecidas pelos governos e também como podemos contribuir para um cuidado melhor executado e mais justo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O CUIDADO COM OS MAIS FRÁGEIS E VULNERÁVEIS
O CUIDADO POR RAZÕES RELIGIOSAS E HUMANITÁRIAS
RAZÕES SOCIAIS E COMUNITÁRIAS
RAZÕES ECONÔMICAS PARA O CUIDADO
COMO EXERCER O CUIDADO

AULA 2

O VAZIO ASSISTENCIAL
SANITARISMO CAMPANHISTA
PERÍODO MÉDICO ASSISTENCIAL PRIVATISTA
O INAMPS
O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

AULA 3

A ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
A ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA
ESFS RIBEIRINHAS E FLUVIAIS
ESF PARA AS POPULAÇÕES EXTREMAMENTE VULNERÁVEIS
A NOVA PNAB E O DESAFIO DE QUALIFICAÇÃO DA APS

AULA 4

FORMATAÇÃO LEGAL DO SISTEMA
NOB 96 – O SUS MUNICIPAL
NOAS: 2002
O PACTO PELA SAÚDE DE 2006
OS TRÊS PILARES DO PACTO

AULA 5

OS OBJETIVOS DO MILÊNIO (ODM)
REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL
REDUÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A CRIANÇA
CONTROLE DO HIV/AIDS

AULA 6

O QUE É PROMOÇÃO DE SAÚDE?
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A EQUIDADE
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A FORMAÇÃO DAS REDES DE ATENÇÃO
A PROMOÇÃO DE SAÚDE E A CULTURA DA PAZ
A PROMOÇÃO DE SAÚDE NO BRASIL

BIBLIOGRAFIAS

- LÍNGUA Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$roda-dos-enjeitados](http://www.infopedia.pt/$roda-dos-enjeitados).
- NASCIMENTO, A. A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas do Recife (1789- 1832). São Paulo: Annablume; FINEP, 2008.
- ROSEN, G. Uma história da saúde pública. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2006.

DISCIPLINA:

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE

RESUMO

E o que é um sistema de informação? Para que serve? De que maneira um sistema de informação pode auxiliar no processo de gestão em saúde? Como podemos “desenhar” um sistema de informação, sendo ou não especialistas em informática? Como enxergar “o todo” de uma organização, para que possamos elaborar um fluxo que atenda ou “converse” com outros setores, a fim de atender a uma necessidade particular?

Procuraremos oferecer da maneira mais específica possível as respostas – ou os caminhos – a esses e a outros questionamentos. Esperamos que você, futuro gestor em saúde, tenha todo o ferramental necessário para poder implantar um sistema de informação, ou simplesmente melhorar o sistema existente em seu local de atuação, tanto individualmente, como em equipe. Antes, porém, necessitamos contextualizar todo o ambiente tecnológico em que vivemos hoje, e expor algumas teorias e conceitos que auxiliarão na compreensão dos conteúdos futuros.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

TEORIA DOS SISTEMAS
CONCEITOS DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO
DADOS, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO
SISTEMA DE INFORMAÇÃO E SISTEMA DE GESTÃO

AULA 2

ENTENDENDO UM SISTEMA DE INFORMAÇÃO GERENCIAL
ETAPA 1: PADRONIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE DADOS
ETAPAS 2 E 3: ARMAZENAMENTO E PROCESSAMENTO
ETAPA 4: OBTENDO INFORMAÇÕES

AULA 3

SISTEMA DE PROCESSAMENTO DE TRANSAÇÕES (SPT)
SISTEMAS DE INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS
CUSTOMER RELATIONSHIP MANAGEMENT (CRM)
ENTERPRISE RESOURCE PLANNING (ERP)

AULA 4

SISTEMAS DE INFORMAÇÕES DO SUS
SISTEMAS DE INFORMAÇÕES DA ANS
SISTEMAS DE AUDITORIA – DENASUS
SAÚDE DIGITAL, RNDS E CONECTE SUS

AULA 5

ESTRUTURA DE TI: HARDWARE
ESTRUTURA DE TI: SOFTWARE
ESTRUTURA DE TI: REDES
ARQUITETURA CLIENTE/ SERVIDOR

AULA 6

SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO
SISTEMAS LEGADOS
ESTUDO DE CASO (PARTE 1)
ESTUDO DE CASO (PARTE 2)

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, P. S. Indústria 4.0: princípios básicos, aplicabilidade e implantação na área industrial [livro eletrônico]. São Paulo: Érica, 2019.
- HOMES, D. E. Big data: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- LAUDON, K.; LAUDON, J. Sistemas de informações gerenciais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

DISCIPLINA:
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

RESUMO

Nesta disciplina abordaremos o tema história da Vigilância em Saúde, seus conceitos básicos e as ações no SUS. Veremos também as atividades básicas que a Vigilância realiza de acordo com a situação em Saúde.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O SUS E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE
CONCEITOS SOBRE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
A VIGILÂNCIA EM SAÚDE E O PLANEJAMENTO EM SAÚDE
FINANCIAMENTO DO SUS E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE
AS AÇÕES DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE

AULA 2

ALGUNS CONCEITOS SOBRE REDES DE ATENÇÃO À SAÚDE
NECESSIDADES DE SAÚDE DA POPULAÇÃO
SISTEMAS DE ATENÇÃO À SAÚDE
REDES DE ATENÇÃO
LINHAS DE CUIDADO

AULA 3

AS DEFINIÇÕES DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE
O RISCO E A AÇÃO DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE NAS AÇÕES DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE
ESTRUTURA E GESTÃO DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE

AULA 4

HISTÓRIA DA SAÚDE
ALGUNS CONCEITOS SOBRE O PROCESSO SAÚDE-DOENÇA
DETERMINANTES E CONDICIONANTES DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA
MODELOS EXPLICATIVOS DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA
PROGRAMAÇÃO DAS AÇÕES DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE

AULA 5

A ORGANIZAÇÃO E A PRÁTICA DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE: ALGUNS CONCEITOS
A VIGILÂNCIA SANITÁRIA E SUAS AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO
A VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA E AS FORMAS DE PREVENÇÃO DE DOENÇAS E AGRAVOS

A VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR E SEU ENVOLVIMENTO COM O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES
A VIGILÂNCIA EM SAÚDE AMBIENTAL E O IMPACTO NO AMBIENTE PARA A POPULAÇÃO

AULA 6

MUNICÍPIOS E COMUNIDADES SAUDÁVEIS
DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO E SUSTENTÁVEL
SAÚDE E AMBIENTE DE TRABALHO
REDES SOCIAIS E MOVIMENTOS SOCIAIS
A PROMOÇÃO DA SAÚDE E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE

BIBLIOGRAFIAS

- CRUZ, S. P. L.; SOUZA, L. E. P. F. Guia de orientações do Plano Diretor de Vigilância Sanitária: uma análise da sua consistência. Vigilância Sanitária em Debate, 2015; v. 3, n. 1, p. 30-36.
- MATUS, C. Política, planejamento e governo. Brasília, DF: IPEA, 1993, 2 v. 590 p.
- _____. Política, planejamento e governo. 3. ed. Brasília, DF: IPEA, 1997.

DISCIPLINA:

GESTÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO

RESUMO

No atual cenário, o aprendizado ao longo da vida tornou-se essencial para a sustentabilidade e o melhor posicionamento das organizações. Atuando como principal catalisador da gestão da informação, do conhecimento e da inovação corporativa, o aprendizado vem se constituindo em sua melhor estratégia. No tocante às pessoas nesse contexto, representa uma chave para sua integração na sociedade e seu sucesso no mercado de trabalho.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O MACROAMBIENTE DE NEGÓCIOS
EMPRESAS MULTINACIONAIS
GLOBALIZAÇÃO E A NOVA FORMA DE FAZER NEGÓCIOS
E A GESTÃO DO CONHECIMENTO COM ISSO?
PAÍSES EMERGENTES

AULA 2

A PRIMEIRA ONDA DE CONHECIMENTO
A NOVA DINÂMICA TECNOECONÔMICA
A SEGUNDA ONDA DE CONHECIMENTO
PRINCÍPIOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
A TERCEIRA ONDA DE CONHECIMENTO

AULA 3

INOVAÇÃO: A CHAVE DO SUCESSO NA NOVA ERA INDUSTRIAL
ACESSO E COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTO
INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO PARA A CRIAÇÃO DE INOVAÇÕES
CAPITAL INTELECTUAL
CAPACITANDO A INOVAÇÃO DENTRO DA EMPRESA

AULA 4

A GESTÃO DO CONHECIMENTO
DADO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO: COMO GERENCIAR
DE ONDE VEM A GESTÃO DO CONHECIMENTO
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
TIPOS DE CONHECIMENTO

AULA 5

APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL
GESTÃO ESTRATÉGICA PARA O CONHECIMENTO
COMPETÊNCIA ORGANIZACIONAL
GESTÃO ESTRATÉGICA DO CAPITAL INTELECTUAL
CONHECIMENTO E VANTAGEM COMPETITIVA

AULA 6

BUSINESS INTELLIGENCE
PROCESSO DECISÓRIO E GESTÃO DO CONHECIMENTO
DATA WAREHOUSE E DATA MINING: FERRAMENTAS DE BI
MARCA: O ASPECTO INTANGÍVEL DO CONHECIMENTO
ADMINISTRAÇÃO DA INCERTEZA: A ORGANIZAÇÃO COMO SISTEMA DE TOMADA DE DECISÃO

BIBLIOGRAFIAS

- EVOLUÇÃO Índice Ibovespa: 1994 - jul 2009, Bolsa de Valores de São Paulo. Wikipédia, 5 ago. 2009. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ibovespa.png>.
- IAMIN, G. P. Negociação: conceitos fundamentais e negócios internacionais. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- MAGNOLI, D.; SERAPIÃO JR, C. Comércio exterior e negociações internacionais. São Paulo: Saraiva, 2012.

DISCIPLINA:

GESTÃO DE SUPRIMENTOS HOSPITALARES

RESUMO

O desafio da gestão da cadeia de suprimentos hospitalar é a diminuição de custos visando um equilíbrio financeiro para a instituição. Aproximadamente 46% dos custos dos hospitais estão relacionados a recursos humanos, 40% se referem à aquisição de materiais, medicamentos e serviços e o restante é voltado para as demais despesas (Pereira, 2018). O mapeamento da cadeia de suprimentos hospitalar permite analisar sua arquitetura, verificar sua ligação com a estratégia da empresa, avaliar a coordenação com os demais setores hospitalares e identificar as possíveis formas de gerar valor e ser um diferencial na entrega do serviço ao paciente (Pereira, 2018). Em uma organização de saúde, o setor de abastecimento é responsável por receber as necessidades dos profissionais de saúde, referente aos insumos (materiais de consumo) e aos equipamentos (materiais permanentes), para que estes possam atender devidamente aos seus pacientes (Santos; Infante, 2007).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

LOGÍSTICA
GESTÃO DE MATERIAIS

GESTÃO DA CADEIA DE SUPRIMENTOS
FILOSOFIA LEAN THINKING

AULA 2

PROBLEMAS ENFRENTADOS NO SETOR DE COMPRA
PAPEL DO COMPRADOR
FORNECEDORES
TECNOLOGIA APLICADA EM COMPRAS

AULA 3

PADRONIZAÇÃO
PREVISÃO DE ESTOQUE
PERDAS
ARMAZENAGEM

AULA 4

CURVAS PARA ANÁLISE DE ESTOQUE
INVENTÁRIOS
RASTREABILIDADE
ENDEREÇAMENTO E MOVIMENTAÇÃO DE ESTOQUE

AULA 5

INDICADORES
DEFINIÇÃO E CÁLCULO DE INDICADORES
MAPEAMENTO DE PROCESSOS
SUSTENTABILIDADE DA CADEIA DE SUPRIMENTOS

AULA 6

TIPOS DE LICITAÇÃO
HABILITAÇÃO PARA OS PROPONENTES
EDITAL DE LICITAÇÃO
INEXIGIBILIDADE E DISPENSA DA LICITAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- YUKIMITSU, A. C.; PEREIRA, S. C. F. A utilização de práticas de gestão da cadeia de suprimentos e o desempenho operacional em hospitais brasileiros. Anais SIMPOI 2010, São Paulo, ano 2010, 2010. XIII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais – SIMPOI 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/44102830-Anais-a-utilizacao-de-praticas-de-gestao-da-cadeia-de-suprimentos-e-o-desempenho-operacional-em-hospitais-rasileiros.html>.
- BALLOU, R. H. Gerenciamento da cadeia de suprimentos / logística empresarial. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- BARBIERI, J.; MACHLINE, C. Logística hospitalar: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

DISCIPLINA:

TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS

RESUMO

Conhecimento; aprendizagem; andragogia; capital intelectual; desenvolvimento organizacional; desenvolvimento organizacional e de pessoas. Aprofundar os conceitos

de treinamento e desenvolvimento e abordar a realização de diagnósticos de treinamento e desenvolvimento, a estruturação dos programas de treinamento e desenvolvimento e a logística para a organização desses programas. Execução de treinamento e desenvolvimento e os métodos utilizados, e-learning e treinamentos de integração. Importância da avaliação dos programas de treinamento e desenvolvimento e os tipos de avaliação (avaliação de reação; avaliação de aprendizagem; avaliação da aplicação do conhecimento ao trabalho e avaliação do retorno do investimento). Treinamento e desenvolvimento por competências; desenvolvimento de equipes; desenvolvimento de liderança; educação corporativa e universidade corporativa. Desenvolvimento de carreira; planos de sucessão; coaching; Indicadores de treinamento e desenvolvimento; tendências em treinamento e desenvolvimento.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM
ANDRAGOGIA
CAPITAL INTELECTUAL
DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL
DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E DE PESSOAS

AULA 2

DEFINIÇÕES DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES DE TREINAMENTO
DEFINIÇÃO DO PLANO E DO PROGRAMA DE TREINAMENTO
LOGÍSTICA PARA A ORGANIZAÇÃO DE TREINAMENTOS

AULA 3

EXECUÇÃO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
MÉTODOS NO CARGO (ON THE JOB)
MÉTODOS FORA DO CARGO
E-LEARNING
TREINAMENTO DE INTEGRAÇÃO

AULA 4

IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
AVALIAÇÃO DE REAÇÃO
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS AO TRABALHO
AVALIAÇÃO DO RETORNO DO INVESTIMENTO

AULA 5

TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO POR COMPETÊNCIAS
DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇA
DESENVOLVIMENTO DE EQUIPES
EDUCAÇÃO CORPORATIVA
UNIVERSIDADE CORPORATIVA

AULA 6

DESENVOLVIMENTO DE CARREIRAS

PLANOS DE SUCESSÃO

COACHING

INDICADORES DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO

TENDÊNCIAS EM TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO

BIBLIOGRAFIAS

- CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- FREIRE, D. A. L. Treinamento e Desenvolvimento em Recursos Humanos: encenando e efetivando resultados. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- HUMANTECH GESTÃO DO CONHECIMENTO. Como a Gestão do Conhecimento pode ajudar sua empresa. 2 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSUTNtRDNnc>.